

## TRADUÇÃO DE CONTOS E PEÇA DE TEATRO DE WOLFGANG BORCHERT

(amostra)

### O PÃO

De repente ela acordou. Eram duas e meia. Pensou, por que estava acordada? Ah, sim! Na cozinha alguém bateu em uma cadeira. Pôs-se a escutar na direção da cozinha. Estava silêncio. Estava silêncio demais, e quando tateou na cama ao seu lado, encontrou-a vazia. Era isto que tornava tudo especialmente mais silencioso: faltava a respiração dele. Ela se levantou, tateou pela casa escura até a cozinha. Na cozinha se encontraram. O relógio marcava duas e meia. Ela viu algo branco parado ao lado da prateleira da cozinha. Acendeu a luz. Estavam de camisa um de frente para o outro. À noite. Às duas e meia. Na cozinha.

Em cima da mesa estava o prato de pão. Ela viu que ele cortara pão para si. A faca ainda estava perto do prato. E na toalha havia migalhas de pão. Quando iam para cama à noite, ela sempre limpava a toalha de mesa. Toda noite. Mas agora havia migalhas na toalha. E a faca estava ali. Ela sentiu como o frio do ladrilho lentamente subia rastejando por ela. E desviou o olhar do prato.

“Eu pensei que tinha alguma coisa aqui”, ele disse e olhou em torno da cozinha.

“Eu também ouvi alguma coisa”, ela respondeu e com isso descobriu que ele aparentava ser bem velho de camisa à noite. Tão velho quanto era. Sessenta e três. Durante o dia aparentava ser às vezes mais jovem. Ela parece estar velha, ele pensou, de camisa ela parece ser muito velha mesmo. Mas isso é talvez por causa dos cabelos. Para as mulheres sempre é por causa dos cabelos à noite. Eles de repente deixam a pessoa velha.

“Você deveria ter vestido sapatos. Descalça assim nos ladrilhos frios. Vai pegar um resfriado”.

Ela não olhou para ele porque não conseguia suportar que ele mentisse. Que ele mentisse depois de trinta e nove anos casados.

“Eu pensei que tinha alguma coisa aqui”, ele disse mais uma vez e olhou sem sentido de um canto para o outro, “achei que tinha ouvido alguma coisa. Então pensei, tinha alguma coisa aqui”.

“Também ouvi alguma coisa. Mas não era nada”. Ela tirou o prato da mesa e raspou as migalhas da toalha.

“Não, não era nada”, ele ecoou, inseguro.

Ela o ajudou: “venha. Foi lá fora. Venha para a cama. Vai ficar resfriado. Por causa dos ladrilhos frios”.

Ele olhou para a janela. “Sim, deve ter sido lá fora. Eu pensei que tivesse sido aqui”.

Ela levou a mão ao interruptor. Preciso apagar a luz agora senão vou ter de olhar para o prato, ela pensou. Não posso olhar de forma alguma para o prato. “Venha”, ela disse e apagou a luz, “foi lá fora. A calha sempre bate na parede por causa do vento. Com certeza foi a calha. Com vento ela sempre bate”.

Ambos tatearam no corredor escuro até o quarto. Seus pés descalços batiam no assoalho.

“É o vento”, ele disse. “Foi o vento a noite toda”.

Quando se deitaram na cama, ela disse: “Sim, foi o vento a noite toda. Foi a calha”.

“Sim, eu pensei que tinha sido na cozinha. Foi mesmo a calha”. Ele o disse como se já estivesse meio dormindo.

Mas ela notou o quanto sua voz soava fingida quando ele mentia.

“Está frio”, ela disse e bocejou devagar, “vou rastejar para baixo das cobertas. Boa noite”.

“Noite”, ele respondeu e acrescentou: “sim, já está bastante frio”.

Então, tudo ficou quieto. Depois de muitos minutos ela ouviu que ele mastigava baixa e cuidadosamente. Respirou fundo de propósito e uniformemente para que ele não notasse que ainda estava acordada. Mas sua mastigação era tão regular que ela lentamente caiu no sono por causa dela.

Quando ele chegou em casa na noite seguinte, ela lhe empurrou quatro fatias de pão. Antes, ele podia comer somente três.

“Você pode tranquilamente comer quatro”, ela disse e se afastou da luz. “Não me cai bem esse pão. Coma mais uma. Não me cai bem”.

Ela viu como ele se curvou profundamente sobre o prato. Ele não discutiu. Nesse momento, ele a machucava.

“Você não pode comer só duas fatias”, ele disse em cima de seu prato.

“Posso. À noite não me cai bem pão. Coma. Coma”.

Somente depois de um tempo ela se sentou à mesa sob a luz.

## **MAS À NOITE OS RATOS DORMEM**

A janela oca no muro isolado bocejava púrpura, cheia do sol do início da noite. Uma nuvem de pó cintilava entre os restos de chaminé esticada para o alto. O deserto de escombros dormitava.

Ele trazia os olhos fechados. Rapidamente ficou mais escuro. Notou que alguém chegara e que agora estava diante de si, escuro, quieto. Agora me pegam!, ele pensou. Mas, quando apertou os olhos um pouco, viu somente duas pernas algo maltrapilhas vestindo calças. Elas estavam consideravelmente arqueadas diante dele, de maneira que conseguia enxergar através delas. Arriscou uma pequena olhadela acima das pernas com calças e reconheceu um homem velho. Ele tinha uma faca e um cesto na mão. E um pouco de terra nas pontas dos dedos.

Como consegue dormir aqui?, perguntou o homem e olhou de cima para a pouca cabeleira lá embaixo. Jürgen piscou os olhos ante o sol por entre as pernas do homem e disse: não, não estou dormindo. Devo ficar atento aqui. O homem meneou a cabeça: então, para isso que você segura essa vareta grande aí?

Sim, respondeu Jürgen valentemente e segurou firme a vareta.

Ao que está atento?

Isso não posso dizer. Ele apertou as mãos em torno da vareta. Atento a dinheiro, não? O homem colocou o cesto no chão e esfregou a faca em suas calças de cá para lá.

Não, certamente não a dinheiro, disse Jürgen altivo. Estou atento a algo completamente diferente.

Bem, então a quê?

Não posso dizer. Mas a outra coisa.

Bem, então não. Então naturalmente não lhe contarei o que tenho aqui no cesto. O homem chutou o cesto e fechou o canivete.

Blah!, posso imaginar o que há no cesto, disse Jürgen desdenhoso, ração de coelho.

Caramba, sim!, disse o homem, admirado, é um rapaz inteligente. Quantos anos você tem?

Nove.

Puxa, veja só, nove anos. Então também já sabe quanto é três vezes nove, não?

Claro, disse Jürgen e, para ganhar tempo, disse ainda: isso é muito fácil. E olhou através das pernas do homem. Três vezes nove, não?, perguntou mais uma vez, vinte e sete. Isso eu já sabia.

Correto, disse o homem, tenho o mesmo número de coelhos.

Jürgen espantou-se: vinte e sete?

Pode vê-los. Muitos são ainda filhotes. Quer?

Não posso mesmo. Preciso ficar atento, disse Jürgen inseguro.

O tempo todo?, perguntou o homem, à noite também?

À noite também. O tempo todo. Sempre. Jürgen olhou acima das pernas arqueadas. Também aos sábados, ele sussurrou.

Mas você não vai para casa nunca? Precisa comer.

Jürgen levantou uma pedra. Ali havia metade de um pão. E uma tina de metal.

Você fuma?, perguntou o homem, tem um cachimbo?

Jürgen agarrou firme sua vareta e disse cauteloso: eu enrolo. Não gosto de cachimbo.

Pena, o homem curvou-se ao seu cesto, você poderia olhar os coelhos. Especialmente os filhotes. Talvez você poderia escolher um para você. Mas, não pode sair daqui.

Não, disse Jürgen triste, não não.

O homem pegou o cesto e aprumou-se. Bem, se você precisa ficar aqui – que pena. E se virou. Se você não me denunciar, disse Jürgen rapidamente, é por causa dos ratos.

As pernas arqueadas voltaram um passo: por causa dos ratos?

Sim, eles se alimentam dos mortos. De pessoas. Eles vivem disso.

Quem disse isso?

Nosso professor.

E você fica atento para os ratos, então?, perguntou o homem.

Para eles não! E então disse bem baixinho: meu irmão, ele está ali embaixo. Ali. Jürgen apontou os muros desmoronados com a vareta. Nossa casa foi bombardeada. De repente acabou a luz no porão. E ele também. Ficamos chamando depois. Ele era muito mais novo do que eu. Só quatro anos. Deve estar aqui ainda. Ele é mesmo bem mais novo que eu.

O homem olhou de cima para a pouca cabeleira. Mas então disse de repente: sim, então o professor de vocês não disse que à noite os ratos dormem?

Não, sussurrou Jürgen, e de repente pareceu bastante cansado, isso ele não disse.

Bem, disse o homem, que professor é esse que não sabe disso? Mas à noite os ratos dormem. À noite você pode ir tranquilo para casa. À noite eles sempre dormem. Já quando escurece.

Jürgen fez pequenos buracos nos escombros com a sua vareta.

São só caminhas, ele pensou, tudo são pequenas caminhas. Então, o homem disse (e aí suas pernas arqueadas ficaram bastante inquietas): sabe de uma coisa? Agora vou alimentar meus coelhos bem rápido e quando escurecer eu te busco. Talvez posso trazer um comigo. Um pequeno, que acha?

Jürgen fazia pequenos buracos nos escombros. Só pequenos coelhinhos. Brancos, cinzas, cinza-claros. Não sei, disse ele em voz baixa e fitou as pernas arqueadas, se à noite eles realmente dormem.

O homem subiu os restos de muro a caminho da rua. Naturalmente, disse ele de lá, o professor de vocês deve arrumar as malas e ir embora se ele não souber disso.

Então Jürgen se levantou e perguntou: posso pegar um? Talvez um branco?

Vou tentar, gritou o homem já indo embora, mas você deve esperar aqui o tempo todo. Vou contigo então para casa, sabe? Preciso dizer a seu pai como se constrói um cercado de coelhos. Pois vocês precisam saber isso.

Sim, gritou Jürgen, espero. Preciso ainda ficar atento até escurecer. Certamente espero. E ele gritou: também temos tiras de madeira em casa. Estrados, ele gritou.

Mas isso o homem já não mais ouviu. Ele ia com suas pernas arqueadas em direção ao sol. O sol já estava vermelho do cair da noite e Jürgen pôde ver como ele brilhava entre as pernas, tão arqueadas elas eram. E o cesto balançava agitado para lá e para cá. Havia ração de coelho lá dentro. Ração de coelho verde que estava um pouco cinza pelos escombros.

## LÁ FORA, NA FRENTE DA PORTA

Uma peça  
que nenhum teatro quer representar  
e a que nenhum público quer assistir.

*Dedicada a Hans Quest*

BECKMANN, um daqueles  
sua ESPOSA, que o esqueceu  
seu AMIGO, quem ela ama  
uma MOÇA, cujo marido voltou pra casa com uma perna  
seu MARIDO, que sonhou com ela mil noites  
um CORONEL, que é bastante divertido  
sua ESPOSA, que congela em sua sala aquecida  
a FILHA, ao jantar  
seu MARIDO elegante  
um DIRETOR DE CABARÉ, que gostaria de ser corajoso, mas que é preferivelmente covarde  
Senhora KRAMER, que nada mais é senão Senhora Kramer, e precisamente isso é horrível  
o VELHO, em quem ninguém acredita mais  
o COVEIRO com soluço  
um GARI, que não é realmente ninguém  
o OUTRO, que todos conhecem  
o ELBA.

Um homem vem à Alemanha.

Ele ficou muito tempo longe, o homem. Muito tempo. Talvez tempo demais. E vem completamente outro daquele que partiu. Por fora, é um quase parente daquele objeto que fica nos campos para assustar os pássaros (e às vezes, à noite, também as pessoas). Por dentro – também. Ele esperou mil dias lá fora no frio. E como ingresso precisou pagar com suas rótulas. E depois que esperou mil noites lá fora no frio, finalmente voltou para casa.

Um homem vem à Alemanha.

E lá ele vive um filme completamente insano. Precisa beliscar os braços durante a apresentação, pois não sabe se está acordado ou sonhando. Mas então vê que à direita e à esquerda, próximo a ele, há mais pessoas que viveram todas a mesma coisa. E pensa que deve ser a verdade. Sim, e quando por fim está na rua com o estômago vazio e os pés frios, percebe que na verdade era somente um filme banal, um filme completamente banal. De um homem que vem à Alemanha, um daqueles. Um daqueles que vêm para casa e que não vêm para casa de fato porque para eles não há mais casa. E a casa deles é então lá fora, na frente da porta. Sua Alemanha é lá fora, à noite, na chuva, na rua.

Essa é a Alemanha deles.

## PRELÚDIO

*(O vento geme. O Elba agita-se contra os pontões. É noite. O coveiro. Contra o céu crepuscular, a silhueta de uma pessoa.)*

O COVEIRO *(arrota muitas vezes e diz toda vez que arrota)*: Burp! Burp! Como as... Burp! Como as moscas! Como as moças, estou dizendo.

A-há!, ali tem alguém. Ali no pontão. Parece que veste uniforme. Sim, veste um casaco velho de soldado. Não está usando gorro. Seus cabelos são curtos como uma escova. Está bem rente à água. Quase rente demais à água, ele está. É suspeito. Os que ficam à noite no escuro, perto da água, são ou casais ou poetas. Ou é um número daqueles grandes e cinzas que não sentem mais vontade. Que fecham a persiana e não querem mais saber. Também parece muito ser um daqueles que estão lá no pontão. Não pode ser um casal, casais são sempre dois. Também não é um poeta. Poetas têm cabelos mais longos. Mas esse aí em cima do pontão tem um corte à escovinha. Caso notável, esse daí no pontão, muito notável. *(Algo faz um ruído grave e escuro uma vez. A silhueta desaparece)* Burp! Pronto! Foi-se. Pulou. Está muito rente à água. Machucaram ele muito. E agora se foi. Burp. Uma pessoa morre. E? Mais nada. O vento continua a soprar. O Elba continua a correr. O bonde continua a soar. As prostitutas continuam debruçadas brancas e brandas nas janelas. O senhor Kramer vira de lado e continua a roncar. E nenhuma – nenhuma hora para. Burp! Um homem morreu. E? Mais nada. Somente algumas ondas em forma de círculo comprovam que ele esteve ali. Mas também elas se aquietaram rápido. E quando tiverem se desfeito, então ele também será esquecido, desfeito, sem rastros, como se nunca tivesse existido. Mais nada. Olá, alguém está chorando ali. Notável. Um velho está ali e chora. Boa noite.

O VELHO *(não lamentável, mas tremendo)*: Crianças! Crianças! Minhas crianças!

COVEIRO: Por que está chorando, velho?

O VELHO: Porque não consigo evitar, porque não consigo evitar.

COVEIRO: Burp! Perdão! É realmente ruim. Mas por isso mesmo não é preciso explodir como uma noiva abandonada. Burp! Perdão!

O VELHO: Oh, minhas crianças! São todas minhas crianças!

COVEIRO: Ah, não! Quem é você?

O VELHO: Deus, em quem ninguém mais acredita.

COVEIRO: E por que está chorando? Burp! Perdão!

DEUS: Por que não consigo evitar. Elas se fuzilam. Elas se enforcam. Elas se sufocam. Elas se assassinam; hoje centenas, amanhã centenas de milhares. E eu, eu não consigo evitar.

COVEIRO: Sinistro, sinistro, velho. Muito sinistro. Mas ninguém mais acredita em você, é assim mesmo.

DEUS: Muito sinistro. Eu sou o Deus em quem ninguém mais acredita. Muito sinistro. E não consigo evitar, minhas crianças, eu não consigo evitar. Sinistro, sinistro.

COVEIRO: Burp! Perdão! Como as moscas. Burp! Malditas!

DEUS: Por que o senhor arrota incessantemente e de forma tão nojenta? É horrível!

COVEIRO: Sim, sim, terrível! Muito terrível! Doença ocupacional. Sou um coveiro.

DEUS: A Morte? Está indo bem para você! Você é o novo Deus. Em você as pessoas acreditam. Elas amam você. Elas temem você. Você é irrevogável. Ninguém pode mentir para você. Ninguém pode blasfemar. Sim, está bem para você. Ninguém passa despercebido por você. Você é o novo Deus, Morte, mas você ficou gorda. Tenho na memória uma você bem diferente. Bem mais magra, seca, ossuda; você está redonda e gorda e de bom humor. A velha Morte sempre pareceu tão esfomeada.

MORTE: Bem, dei uma pequena engordada nesses séculos. Os negócios foram bons. Uma guerra dá a mão à outra. Como as moscas! Como as moscas, os mortos grudam nas paredes deste século. Como as moscas, estão rijos e murchos no peitoril da janela do tempo.

DEUS: Mas, e os arrotos? Por que esses arrotos horríveis?

MORTE: Comi demais. Comi demais mesmo. É isso. Hoje em dia não dá para parar de arrotar. Burp! Perdão!

DEUS: Crianças, crianças. E eu não consigo evitar! Crianças, minhas crianças! (*sai*)

MORTE: Bem, então, boa noite, velho. Vá dormir. Cuidado para que não caia na água. Alguém se jogou lá agora há pouco. Preste bem atenção, velho. É sinistro, muito sinistro. Burp! Vá para casa, velho. Você não vai mesmo conseguir evitar. Não chore por aqueles que agora mesmo fizeram bum. Aquele com o casaco de soldado e o corte de cabelo à escovinha. Você vai se acabar chorando! Os que hoje à noite estão perto da água não são mais casais e poetas. Aquele aqui, era somente um daqueles que não desejam mais ou não querem mais. Que simplesmente não podem mais; eles se jogam à noite na água em algum lugar. Bum. Foi. Deixe-o, não chore, velho. Você vai se acabar chorando. Era só um daqueles que não podem mais, um número daqueles grandes e cinzas... um... somente...

## **EM MAIO, EM MAIO GRITOU O CUCO**

Loucas são as manhãs de março junto à correnteza, as pessoas deitadas ainda cochilando, por volta das quatro, e os navios monstros sopram seus sáurios-gemidos incansavelmente sobre a cidade, na neblina matutina enormemente rosada, no vapor argênteo do rio que respira brisado de cima pelo sol, e no último sonho com o dia, pois não mais se sonha com moças de pernas claras, quentes pelo sono, por volta das quatro, na névoa matutina rosada, nos insufladores dos navios a vapor, em seu estrondo berrando “uu”, na correnteza da manhã; pois que se sonham sonhos bastante diferentes, não aqueles com pão preto e café e caçarola fria, não aqueles com moças que gaguejam e esperneiam, não, sonham-se sonhos bastante diferentes, aqueles ominosos, precoces, os últimos, os onipotentes, sonhos indistintos que se sonha nas loucas manhãs de março junto à correnteza, cedo, por volta das quatro...

Loucas são as noites de novembro nas cidades isoladas e cinzas como ratos, quando as locomotivas passam gritando vindas de longínquos subúrbios azuis-enegrecidos, cheias de medo, histéricas, ousadas e aventureiras, entrando no primeiro sono mal começado, gritos de locomotiva, longos, ansiosos, inapreensíveis; por causa disso se puxa o cobertor mais para cima e se espreme mais apertado ao animal noturno, mágico, quente, que se chama Evelyn ou Hilde, que em tais noites, cheias de novembro e de gritos de locomotiva, perde seu idioma por prazer e dor, torna-se animal, animal-locomotivo-de-novembro, de sonho pesado, contorcendo-se, insaciável, pois loucas, ah, loucas são as noites em novembro.

Esses são os gritos das manhãs de março, os gritos sáurios dos navios na correnteza, esses são os gritos de locomotivas gestando novembro sobre trilhos argênteos através de florestas azuis de medo – mas também se conhecem, também se conhecem os gritos das clarinetas nos fins de tarde de setembro que vêm de bares fedendo a destilado e a perfume, e os gritos de abril dos gatos, lúgubres, voluptuosos, e os gritos de júbilo de moças de dezesseis anos que são dobradas por sobre algum parapeito de ponte até que os olhos lhes saiam das órbitas, as espantadas por lascívia, e se conhecem os gritos gélidos de janeiro, solitários, de jovens homens, gritos de gênio sobre dramas destruídos e poesias arruinadas sobre flores:

Todo esse grito do mundo, esse grito escuro como a noite, atordoado pela noite, azulado, cor de tinta, sangrento como ásteres em flor, é conhecido, é lembrado, é suportado sempre, ano após ano, dia após dia, noite por noite.

Porém o cuco, em maio o cuco, quem entre nós suporta seu grito louco, letárgico, agitado nas sufocantes noites de maio, no meio dos dias de maio? Quem de nós se acostumou em maio a seu cuco, que moça, que homem? Ano após ano de novo, noite por noite de novo, ele deixa as moças, os que respiram gananciosos, e os homens, os anestesiados, ele os deixa selvagens, o cuco, o cuco em maio, esse cuco de maio. Também em maio gritam locomotivas e navios e gatos e mulheres e clarinetas – eles gritam com você quando você está sozinho na rua, depois, quando já está escuro, mas depois o cuco ainda arremete contra você. Assobio de trem, apito de navio a vapor, uivo de gatos, balido

de clarinetas e soluço de mulheres – mas o cuco, o cuco grita como um coração pela noite de maio, como um coração pulsante e vivo, e quando o grito do cuco te assalta inesperadamente dentro da noite, dentro da noite de maio, nenhum navio a vapor te ajudará mais e nenhuma locomotiva e nenhum rebuliço de gato ou mulher e nenhuma clarineta. O cuco te deixa louco. O cuco ri de você quando você foge. Para onde?, ri o cuco, para onde em maio? E você fica ali, tornado selvagem pelo cuco, junto com todos os seus desejos do mundo, ali, sozinho, sem ter para onde ir, tão sozinho, e então você odeia maio, odeia-o por amores desejados, por cansaço do mundo, odeia-o com tua solidão inteira, odeia esse cuco em maio, esse... ..

E então corremos com nosso destino de cuco, ah!, não vamos nos livrar de nosso destino sem cuco, essa catástrofe imposta sobre nós, através da noite orvalhada. Grite, cuco, grite tua solidão dentro da primavera de maio, grite cuco, pássaro irmão, abandonado, banido, eu sei, irmão cuco, todo seu grito é o grito pela mãe que te entregou às noites de maio, que te baniou como estrangeiro entre estranhos, grite, cuco, grite seu coração contra as estrelas, você, irmão estrangeiro, órfão de mãe, grite... Grite, Pássaro Solitário, desgrace os poetas, a eles falta teu vocábulo louco, e a miséria da solidão deles se tornará conversa fiada, e só quando ficarem mudos farão o seu maior feito, Pássaro Solitário, quando teu grito maternal nos caçar através das noites insones de maio, então faremos nosso maior feito heroico: a solidão inefável, essa gélida masculina, então viveremos, viveremos sem tua palavra louca, irmão pássaro, pois o último, o último não trai as palavras.

Os poetas heroicamente mudos e solitários devem sair e aprender como se faz um sapato, pega um peixe e impermeabiliza um telhado, pois todo seu falatório é conversa fiada, excruciante, sangrenta, desesperada, é conversa fiada diante das noites de maio, diante do grito do cuco, diante das palavras verdadeiras do mundo. Pois quem entre nós, mas quem, ah!, quem conhece uma rima sobre o gemido de uma língua estourada em pedaços por tiros, uma rima sobre um grito de enforcamento, quem conhece o metro, o rítmico, para um estupro, quem conhece um metro para o latido maquinal dos rifles, um vocábulo para o grito recém-mudo de um olho de cavalo morto no qual céu algum é espelhado mais, e nem as vilas em chamas, que prensa tem um caractere para o enferrujado rubro dos vagões de carga, esse vermelho de guerras mundiais, esse vermelho incrustrado de sangue secado sobre a branca pele humana? Vá para casa, poeta, vá para as florestas, pegue peixes, corte madeira e realize seu feito heroico: cale-se! Cale o grito do cuco de seus corações solitários, pois não há rima e nenhum metro para isso, e nenhum drama e nenhuma ode e nenhum romance psicológico aguenta o grito do cuco, e nenhuma enciclopédia e nenhuma prensa tem vocábulos ou caracteres para tua raiva do mundo sem palavras, para teu prazer na dor, para teu sofrimento de amor.

Pois nós estamos adormecidos sob o crepitar de casas explodidas (ah!, poeta, para o suspiro de casas morrendo lhe faltam todos os vocábulos!), adormecidos estamos sob o rugido das granadas (qual prensa tem um caractere para esse grito metálico?), e adormecemos junto ao gemido dos condenados e das moças estupradas (quem conhece uma rima para isso, quem conhece o ritmo?) – mas fomos despertados nas noites de maio pelo tormento mudo de nossos corações estrangeiros aqui no mundo da primavera, pois

somente o cuco, somente o cuco conhece um vocábulo para toda a sua miséria solitária e órfã de mãe. E a nós resta somente o feito heroico, o feito aventureiro: nosso calar solitário. Pois para o grandioso rugido desse mundo e para seu silêncio infernal nos faltam os vocábulos mais miseráveis. Tudo o que podemos fazer é: acrescentar, juntar as somas, enumerar, anotar.

Mas devemos ter essa coragem altamente audaciosa e sem sentido para escrever um livro! Queremos anotar nossa miséria, talvez com mãos trêmulas, queremos colocá-la em pedra, tinta ou notas diante de nós, em cores inauditas, em perspectiva única, adicionadas, somadas e empilhadas, e isso dá então um livro de duzentas páginas. Mas não haverá ali mais nada senão algumas glosas, observações, notas, ilustradas parcamente, nunca explicadas, pois as duzentas páginas impressas são somente um comentário às vinte mil páginas invisíveis, às páginas-Sísifo, das quais nossa vida é feita, para as quais não conhecemos vocábulos, gramática e caracteres. Mas nessas vinte mil páginas invisíveis de nosso livro estão a ode grotesca, o épico risível, o mais realístico e amaldiçoado de todos os romances: nosso mundo esférico e insano, nosso coração contorcido, nossa vida! Esse é o livro de nossa solidão louca, impudente, aflita por ruas mortas pela noite.

Mas eles vão no bonde iluminado, vermelho-amarelado, feito de latão pela cidade de pedra, eles que devem mesmo estar felizes. Pois desejam ir para algum lugar, eles conhecem bem o nome de sua estação, eles já a nomearam com a preguiça dos lábios das pessoas às quais nada mais pode acontecer sem admiração, eles sabem onde o ponto está (eles têm tudo por perto) e eles sabem que o trilho os leva para lá. Afinal, para isso eles pagaram ao estado, alguns com impostos, alguns com uma perna amputada, e com a tarifa de vinte centavos. (Inválidos de guerra, a metade. Alguém com uma perna pega um bonde 7.862 vezes pela metade. Ele economiza 786,20. Sua perna, ela apodreceu há muito tempo em Smolensk, valia 786,20. Pelo menos.) Mas estão felizes no bonde. Devem estar mesmo. Não têm fome nem saudade. Como poderão ter fome ou saudade? Sua estação já está de pé e todos carregam consigo bolsas de couro, caixas de papelão ou cestos. Alguns leem, inclusive. O Fausto, a Filmillustrierte<sup>1</sup> ou a passagem, você não adivinha só olhando. São bons atores. Paralisados, repentinamente velhos, eles se sentam lá com seus rostos de criança, desamparados, importantes, e interpretam o papel de adultos. E nisso os de nove anos acreditam. Mas preferem fazer bolinhas com as passagens e as arremessarem às escondidas. Estão muito felizes, pois nos cestos e bolsos e livros que as pessoas à noite carregam consigo nos bondes estão os meios contra a saudade e a fome (e quando é uma bituca que se mastiga satisfeito – e quando é uma passagem com a qual se foge –). Aquelas pessoas, que carregam consigo cestos e livros, aquelas nos bondes à noite, elas devem mesmo estar felizes, pois estão salvas entre seus companheiros de assento que têm óculos, tosse ou resfriado, e junto ao cobrador, que traja um uniforme oficial, unhas sujas e uma aliança de casamento dourada, que se reconcilia com as unhas, pois somente unhas de solteiro não são atraentes quando estão sujas. Um cobrador de bonde casado tem provavelmente um pequeno jardim, uma jardineira ou ele faz artesanato

---

<sup>1</sup> Revista, que circulou durante o período nazista e após ele, contendo a programação do cinema.

para os barcos à vela de seus cinco filhos (ah!, ele os constrói para si, para suas viagens secretas!) Eles estão protegidos com um cobrador assim, no bonde, moderadamente iluminado à noite, pois as lâmpadas não são muito claras e não são muito tristes; eles devem mesmo estar tranquilos e felizes – nenhum grito de cuco irrompe de suas bocas frugais, baratas, amargas e nenhum grito de cuco entra pelas janelas grossas e envidraçadas. Eles estão consternados e como que salvos, ah!, como que eternamente salvos eles estão sob as lâmpadas sólidas e algo cegantes do vagão do bonde, sob as constelações medíocres de seu dia a dia, essas luzes melancólicas que a pátria compra aos seus filhos em repartições públicas, estações de trem, banheiros públicos (como guarda-chuvas verdes, como teias de aranha) e bondes. E as crianças, envelhecidas, ingênuas, amuadas nos bondes à noite, sob lâmpadas arranjadas como em repartições públicas, elas devem estar felizes, pois medo (esse medo de maio, o medo de cuco), medo elas não podem ter: pois elas têm luz. Elas não conhecem o cuco. Estão juntas quando algo acontece (um assassinato, uma colisão, um temporal). E sabem: para onde. E nasceram no bonde vermelho-amarelado, feito de latão, sob as lâmpadas com o cobrador e à pessoa sentada ao lado (e quando a pessoa não empurra devido ao aperto), em meio à cidade-noite escura de pedra.

Nunca o mundo vai colapsar sobre elas como sobre aquelas pessoas que estão sozinhas nas ruas: sem lâmpada, sem estação, sem companheiro de assento, com fome, sem cesto, sem livro, caladas aos berros pelo cuco, cheias de medo. Elas ficam nas ruas muito nuas e pobres quando os bondes cheios de fumaça de cigarro passam ressoando (só o ressoar traz de volta a saudade e o medo na porta de entrada!) com suas lâmpadas medianas tranquilizantes lá dentro e os rostos tranquilizados embaixo delas, guardadas para dez mil dia a dias que ainda restam quando o bonde já uivou, chiando, lá longe, após uma curva enferrujada, elas – elas pertencem à rua. A rua é o paraíso delas, seu andar absorto, sua louca dança, seu inferno, sua cama (bancos de parque e arcos de pontes), sua mãe e sua moça. Essa rua cinza-dura é sua companheira empoeirada, calada, confiável, teimosa, leal, constante. Essa rua estragada pela chuva, queimando ao sol, adornada de estrelas, luzente como a lua, arfando de vento é sua fuga e sua reza noturna (é sua reza noturna quando uma mulher tem um copo de leite sobrando – é sua fuga quando a próxima cidade, quando a próxima cidade não mais chega antes da noite). Essa rua é seu desânimo e sua coragem aventureira. E quando você passa por elas, elas te olham como príncipe, esses reis remendados pela misericórdia dos trapos, e com boca mordida elas falam de toda a sua riqueza vultosa, dura, ostentosa, canhestra:

A rua nos pertence. As estrelas lá em cima, as pedras debaixo de nós aquecidas pelo sol. O vento em cantoria e a chuva cheirando terra. A rua nos pertence. Perdemos nosso coração, nossa inocência, nossa mãe, a casa e a guerra – mas a rua, nossa rua nunca perderemos. Ela nos pertence. Sua noite sob a Ursa Maior. Seu dia sob o sol amarelo. Sua chuva cantante e ressoante: tudo isto: esse aroma de chuva-vento-sol, essa grama-molhada, terra-umidificada, moça-em-florada, que cheira tão bem quanto nada antes no mundo: essa rua nos pertence. Com seus anúncios de parteira esmaltados e cemitérios adornados por alfenas à direita e à esquerda, com o mundo de brumas esquecido de ontem que jaz atrás de nós, com a terra de brumas de amanhã jamais sonhada, ali, diante de nós.

Ali estamos, à mercê do cuco, de maio, com lágrimas aflitas, heroicamente sentimentais, enganados com um pouco de romantismo, sozinhos, viris, ansiando pela mãe, prepotentes, perdidos. Perdidos entre vila e vila. Ficando isolados na cidade com milhões de janelas. Grite, Pássaro Solitário, grite por ajuda, grite para nós, junto conosco, pois nos faltam os últimos vocábulos, falta-nos a rima e o metro para toda a nossa miséria.

Mas às vezes, Pássaro Solitário, às vezes, raramente, estranhamente e raramente, tão logo o bonde brilhando amarelo se lança inclemente em retorno pela rua, em sua solidão negra, então às vezes, raramente, estranhamente e raramente, então resta às vezes em alguma cidade (oh, tão raramente) ainda uma janela. Um quadrado claro, quente, tentador em meio ao colosso frio de pedra, em meio ao preto terrível da noite: uma janela.

E então tudo acontece muito rápido. Muito objetivamente. Só se guarda na cabeça: a janela, a mulher, a noite de maio. Isso é tudo, tácito, banal, desesperado. Deve-se fazer isso como se engole aguardente, rápido, amargo, brusco, atordoado. Diante disso, é tudo falatório, tudo. Pois isto é a vida: a janela, a mulher, a noite de maio. Uma cédula manchada em cima da mesa, chocolate ou um pedaço de enfeite. Então se nota: pernas e joelhos e coxas e peitos e sangue. Engula a bebida. E de manhã o cuco volta a gritar. Tudo o mais é falatório choroso. Tudo. Pois isso é a vida, para ela não há vocábulo: rebulição fogo e frenético. Engula a bebida. Ela queima e embriaga. Sobre a mesa está o dinheiro. Tudo o mais é falatório, pois de manhã, já de manhã, o cuco volta a gritar. Hoje à noite somente esta nota curta e banal: a janela, a mulher. Isso basta. Tudo o mais é – às três da madrugada recomeça o cuco. Quando amanhece. Mas hoje à noite pela primeira vez há uma janela ali. E uma mulher. E uma mulher.

No térreo uma janela está aberta. Ainda aberta para a noite. O cuco grita verde como uma garrafa vazia de gim para dentro das ruas do subúrbio na noite sedosa de jasmim. Uma janela ainda está aberta. Um homem está na noite verde-gritada do cuco, um homem, assaltado pelo jasmim, com fome e saudade de uma janela aberta. A janela está aberta. (Oh, tão raramente!) Uma mulher se debruça lá de dentro. Pálida. Loira. Talvez com pernas grandes. O homem pensa: talvez com pernas grandes, ela é desse tipo. E ela fala como todas as mulheres que estão nas janelas à noite. Tão quente como animais e à meia voz. Tão atrevidamente, indolentemente excitada quanto o cuco. Tão carregada de doçura quanto o jasmim. Tão escura quanto a cidade. Tão enlouquecida quanto maio. E ela falava tão profissionalmente noturna. Falava tão em escala menor verde como uma garrafa de gim esvaziada. Tão francamente florida. E o homem diante da janela chia não amado e solitário como o couro seco de sua bota:

Então não.

Mas eu disse...

Então não?

---

E se eu der o pão?

---

Sem pão não, mas se eu der o pão, então?

Eu já disse, rapaz –

Então sim?

Sim.

Então sim. Hm. Então.

Eu disse, rapaz, se as crianças nos escutarem, vão acordar. E então terão fome. E se eu não tiver pão para elas, não voltarão a dormir. Então chorarão a noite toda. Entenda.

Eu dou o pão sim. Abra. Eu dou. Aqui está. Abra. Eu entro.

A mulher abre a porta, depois o homem a fecha atrás de si. Sob o braço, ele traz um pão. A mulher fecha a janela. O homem observa um quadro na parede. Duas crianças nuas estão ao ar livre com flores. O quadro tem uma moldura grossa de ouro e é bastante colorido. Especialmente as flores. Mas as crianças são gordas demais. Eros e Psique, chama-se o quadro. A mulher fecha a janela. Depois as cortinas. O homem coloca o pão em cima da mesa. A mulher se aproxima da mesa e pega o pão. A lâmpada está pendurada sobre a mesa. O homem fita a mulher e adianta o lábio inferior como se estivesse provando alguma coisa. Trinta e quatro, ele então pensa. A mulher vai com o pão até a prateleira. Que rosto, ela pensa, que tipo de rosto esse aí tem. Então retorna da prateleira para junto da mesa. Sim, ela diz. Ambos se olham por cima da mesa. O homem começa a furar as migalhas de pão da mesa com o dedo indicador. Sim, ele diz. O homem ergue os olhos para as pernas dela. Vê-se as pernas quase por inteiro. A mulher traça somente uma anágua fina, transparente, azul-escuro. Vê-se as pernas dela quase por inteiro. Então não há mais migalhas de pão sobre a mesa. Posso tirar meu casaco?, pergunta o homem. Ele é tão ridículo.

Sim, as cores, não?

Tingido.

Ah, tingido? Como uma garrafa de cerveja.

Garrafa de cerveja?

Sim, tão verde.

Ah, sim, sim, tão verde. Vou pendurá-lo aqui.

Igual a uma garrafa de cerveja.

Então, tua roupa é também –

O quê?

Então, azul-celeste.

Não é minha roupa.

Ah, sim.

Mas bela, não é?

Sim –

Devo deixá-la no corpo?

Sim, sim. Claro.

A mulher está ainda junto à mesa. Ela não sabe por que o homem ainda está sentado. Mas o homem está cansado. Sim, diz a mulher e olha para baixo, para si. Então o homem a fita. Também olha para baixo, para ela. Ei, sabe – diz o homem e olha para a lâmpada. É óbvio, ela diz e apaga a luz. O homem permanece no escuro, quieto, sentado em sua cadeira. Ela passa rente a ele. Ele sente um sopro de ar quente quando ela passa rente a ele. Rente passa ela a ele. Ele pode sentir o cheiro dela. Ele sente o cheiro dela. Ele está cansado. Então ela diz de cima para ele (de muito muito de cima, pensa o homem): agora venha. Claro, ele diz e obedece como se tivesse esperado por isso. Ele se choca com a mesa: oh, a mesa. Estou aqui, ela diz no escuro. A-há. Ele ouve a respiração dela bem perto de si. Ele estende cautelosamente sua mão. Eles se escutam respirar. Então sua mão se depara com algo. Oh, ele diz, aí está você. É a mão dela. Eu encontrei sua mão no escuro, ele ri. Eu já a havia estendido, ela diz baixinho. Então ela lhe morde os dedos. Ela o puxa para baixo. Ele se senta. Ambos riem. Ela percebe que ele respira muito rápido. Ele tem no máximo vinte anos, ela pensa, ele está com medo. Seu garrafinha de cerveja velha, ela diz. Ela toma a mão dele e passa-a em sua pele quente refrescada pela noite. Ele sente que ela tirara a coisa azul-celeste. Ele sente seus peitos. Ele diz pretensiosamente para dentro do escuro (porém está completamente sem fôlego): sua garrafa de leite. Você é uma garrafa de leite, sabia disso? Não, ela diz, disso eu nunca soube. Ambos riem. Ele é jovem demais, ela pensa. Ela é como todas, ele pensa. Ele está espantado diante de sua pele nua. Ele mantém suas mãos imóveis. Tão criança, ela pensa. Todas são assim, ele pensa, sim, todas são assim, todas. Ele não sabe o que deve fazer com suas mãos nos peitos dela. Você está com frio, creio, ele diz, creio que você está com frio, não? No meio de maio?, ela ri, no meio de maio? Bem, ele diz, de qualquer modo, de noite. Mas em maio, ela diz, nós estamos no meio de maio. Ouve-se até o cuco, fique quieto, você está escutando, ouve-se até o cuco, escute, não respire tão alto, escute, você está escutando, o cuco. Continuamente. Um dois três quatro cinco – então? – aí! – seis sete oito – está escutando? Aí de novo – nove dez onze – escute: cuco cuco cuco cuco – – – seu garrafinha de cerveja, garrafinha de cerveja velha, diz a mulher baixinho. Ela o diz com desdém e maternalmente e baixinho. Então o homem dorme.

Vai amanhecer. Lá fora já se acinzentou diante das cortinas. Logo já serão quatro horas. E o cuco já está de volta. A mulher permanece acordada. Lá em cima alguém já está andando. Uma máquina de pães bate três, quatro, cinco vezes. Um encanamento. Então o corredor, a porta, as escadas: passos. Aquele lá em cima deve estar no estaleiro às cinco e meia. Já são quatro e meia. Lá fora, uma bicicleta. Cinza-claro, já quase róseo. O cinza-claro penetra pela janela através das cortinas em cima da mesa, do encosto da cadeira, de um pedaço do teto, da moldura de ouro, de Psique, e de uma mão que faz um punho. De manhã, às quatro e meia, no cinza-claro ainda antes do dia, alguém faz um punho durante o sono. O cinza-claro penetra através das cortinas sobre um rosto, um pedaço de testa, uma orelha. A mulher está acordada. Talvez já há muito tempo. Não se move. Mas o homem com o punho durante o sono tem uma cabeça pesada. Ela caíra sobre seus peitos ontem à noite. Agora são quatro e meia. E o homem ainda está deitado como ontem à noite. Um homem delgado, comprido, jovem, fazendo um punho e uma cabeça

pesada. Se a mulher deseja afastar a cabeça dele cuidadosamente de si, ela a pega pelo rosto. Está úmido. Que tipo de rosto o dele, pensa na manhã antes do dia a mulher cinza-claro, que tem um homem deitado sobre si que dormira a noite toda fazendo um punho e que agora está com o rosto úmido. E que tipo de rosto é esse agora no cinza-claro. Um rosto úmido, comprido, pobre, selvagem. Um rosto meigo, solitariamente cinza, ruim e bom. Um rosto. A mulher puxa os ombros lentamente por sob a cabeça até que ela mergulha no travesseiro. Então, ela vê a boca. A boca a fita. Que tipo de boca é essa. E a boca a fita. Ela vê que os olhos se tornaram opacos.

É o normal, diz a boca, é nada de especial, é somente o normal. Você não precisa pensar tanto para rir, tão insolente e maternal, pare com isso, eu lhe digo, pare com isso, sua..., senão – você, eu lhe digo, aprendi tudo, pare com isso. Eu sei que deveria ter arremetido contra você ontem à noite, ter lhe arrancado a mordidas os ombros brancos e a carne branca acima dos joelhos, eu deveria ter acabado com você até que tivesse sido jogada no canto e depois ainda berrasse de dor: mais, querido, mais. Você ainda pensava assim. Ó, ele é ainda jovem, você pensou ontem à noite em sua janela, ele ainda não está tão consumido quanto os pais de família covardes e velhos que fingem ser Don Juan por quinze minutos aqui à noite. Ó, você pensou, é um legume ainda muito jovem, ele ainda vai deixá-la acabada. E então eu entrei. Você cheirava a animal, mas eu estava cansado, sabe, eu só queria esticar as pernas por uma hora. Você podia ter deixado sua anágua vestida. A noite acabou. Você ri porque se envergonha. Você me despreza. Você bem pensa que eu não seria homem. Claro que você pensa isso pois agora você se abre maternalmente. Você pensa que ainda sou um garoto. Você sente compaixão, compaixão insolente e maternal, porque eu não me arremeti contra você. Mas eu sou um homem, entende, sou homem há muito tempo. Eu estava cansado ontem, senão eu teria lhe mostrado, isso posso lhe dizer, pois já há muito tempo sou um homem, diz a boca, entende, já há muito tempo. Pois eu já bebi vodca, minha querida, genuína vodca russa, 98 por cento, minha querida, sabe, já tive um rifle e gritei bosta e atirei e fiquei completamente sozinho no posto de escuta e o comandante da companhia me tratava informal e o sargento Brand sempre trocara cigarros comigo porque ele queria muito mel artificial e depois eu conseguia seus cigarros com isso, se você acredita que eu seja somente um garoto! Eu já estive, na noite antes de partir para a Rússia, com uma mulher, já há muito tempo, minha querida, com uma mulher e mais do que uma hora e rouca ela ficara e cara e era uma mulher genuína, uma adulta, minha querida, que comigo não se fizera de maternal, que escondera meu dinheiro e dissera: bem, quando você parte, queridinho, parte para Rússia? Quer ficar mais uma vez com esta mulher alemã, não?, queridinho? Queridinho, ela havia dito para mim e desabotoara o colarinho do uniforme. E daí ela enrolava o tempo todo a franja da toalha de mesa em volta dos dedos e olhava para a parede. De vez em quando falava queridinho, mas depois disso se levantou de repente e se lavou e na porta lá embaixo disse tchau. Isso foi tudo. Na casa vizinha eles cantavam a Rosamunde<sup>2</sup> e das outras janelas também debruçavam em toda parte algumas

---

<sup>2</sup> Canção composta pelo compositor tcheco Jaromír Vejvoda, cantada como uma música alegre e de entusiasmo, dançada ao ritmo da polca polonesa.

peessoas e todos diziam a ela queridinha. Todos diziam a ela queridinha. Essa foi a despedida da Alemanha. Mas o pior veio em outra manhã, na estação de trem.

A mulher fecha os olhos. Pois a boca, ela cresce. Pois a boca fica grande e cruel e grande.

Era o normal, diz a boca enorme, não era nada especial. Era só o normal. Uma manhã-chumbo. Uma estrada de ferro-chumbo. E soldados-chumbo. Os soldados éramos nós. Não era nada especial. Só o normal. Uma estação de trem. Um trem de carga. E rostos. Isso era tudo.

Quando então subimos no trem de carga, eles cheiravam a gado, os vagões, aqueles vermelhos como sangue; lá nossos pais se tornavam barulhentos e contentes com seus rostos-chumbo e desesperadamente balançavam seus chapéus. Nossas mães cobriam sua tristeza imensurável com lenços coloridos: não perca as meias novas, Karlheinz. E noivas estavam lá que machucavam as bocas pela despedida e os peitos e as – – tudo lhes machucava, e o coração e os lábios ainda queimavam e o Brand da noite de despedida ainda não, oh!, ainda há muito não expirara em chumbo. Mas nós cantávamos maravilhosamente para o grande mundo de Deus e ríamos e urrávamos tanto que matamos a frio os corações de nossas mães. E então a estação – *ele não quer nenhum escravo* – então as mães – *sabre, espada e lança* – as mães e as noivas ficaram cada vez mais miúdas e o chapéu do pai – *para que ele seja vitorioso até o fim* – o chapéu do pai ainda balançava: vá bem, Karlheinz – *até a morte* – vá bem, meu garoto – *a luuutaaa*<sup>3</sup>. E nosso comandante de companhia estava sentado na frente no vagão e escrevia em um bloco de relatórios: partida: 6h23. No vagão-cozinha, os recrutas descascavam batatas com rostos viris. Em um escritório na Bismarckstraße, o sr. dr. Sommer, advogado e notário, dizia naquela manhã: minha caneta tinteiro quebrou. Já é hora de a guerra terminar. Lá fora, diante da cidade, uma locomotiva jubilava. Porém, nos vagões, nos escuros vagões, ainda era possível sentir sozinho o cheiro das noivas em chamas, sozinho no completo escuro, mas ninguém arriscava uma lágrima à luz a óleo. Ninguém de nós. Cantávamos o desolado canto viril de Madagascar e os vagões vermelho-sangue fediam a gado pois tínhamos pessoas a bordo. Olá!, camaradas, e ninguém arriscava uma lágrima, olá!, moça pequena, todo dia alguém subia a bordo, e nas crateras, aí apodrecia a limonada de framboesa vermelho-brasa, a limonada singular para a qual não há substituto e ninguém pode pagar, não, ninguém. E quando o medo nos manda engolir o lodo e nos joga no colo desgrehado da mãe Terra, nós fugimos ao céu, ao surdo e mudo céu: e não nos deixeis cair em deserção e perdoai nossas MGs, perdoai-nos, mas não havia ninguém ali, ninguém que nos perdoasse, não havia ninguém ali. E o que veio então, para tal não existem vocábulos, diante disso é tudo falatório, pois quem conhece um metro para a choradeira de latão das metralhadoras e quem conhece uma rima para o grito de um homem de dezoito anos que se lamuria com seus intestinos nas mãos entre as linhas de combate, quem, ah!, ninguém!!!

Quando deixamos a estação na manhã plúmbea e as mães que estavam acenando se tornaram miúdas e mais miúdas, cantáramos estupendamente pois a guerra, ela nos

---

<sup>3</sup> Trechos da canção militar *Vaterlandslied* (1812) de Ernst Moritz Arndt.

veio a calhar. E então ela veio. Então ela estava lá. E diante dela tudo era falatório. Nenhum vocábulo resistia a ela, ao animal rugindo epidêmico explodindo de energia, nenhuma palavra. O que é portanto la guerre ou the war ou a guerra? Falatório patético diante do rugido animal de suas bocas chamejantes, as bocas de canhões. E traição diante das bocas chamejantes dos heróis traídos. Traição deplorável do metal, do fósforo, da fome e tempestade de gelo e deserto de areia. E agora dizemos de novo the war e la guerre e a guerra e nenhum tremor nos toma, nenhum grito e nenhum horror. Hoje dizemos de novo simplesmente C'était la guerre – era a guerra. Hoje não dizemos mais nada pois nos faltam os vocábulos para que ela nos devolva só um segundo, só por um segundo, e dizemos simplesmente de novo: ah, sim, foi isso. Pois tudo o mais é só falatório, pois não há vocábulo, não há rima e não há metro para ela e nenhuma ode e nenhum drama e nenhum romance psicológico que a suporte, que não rebente diante de seu rugido vermelho como cinábrio. E quando ancoramos, os cais rangeram de prazer para nos dirigir ao país, ao escuro país Guerra, lá cantamos corajosos, nós homens, oh!, estávamos tão preparados e assim cantamos, nós, nos vagões de gado. E nas estações cheias de marchas musicais eles nos festejavam no escuro escuro país Guerra. E então ela veio. Então ela estava lá. E então, antes que o compreendêssemos, ela terminara. No meio, jazia nossa vida. E aí estão dez mil anos. E agora ela acabou e seremos cuspidos das pranchas podres do navio perdido à noite, escondidos, desprezados, para as costas do país Paz, o país incompreensível. E ninguém, ninguém pode nos reconhecer mais, nós, velhos de vinte anos; dessa forma o rugido nos devastou. Alguém ainda nos conhece? Onde estão eles, os que ainda nos conhecem agora? Os pais se escondem no fundo de seus rostos e as mães, as mães sete mil, quinhentas e oitenta e quatro vezes assassinadas sufocam-se em seu desamparo diante da tortura de nossos corações alheados. E as noivas, as noivas aspiram assustadas o aroma da catástrofe que irrompe de nossa pele como suor de medo, à noite, em seus braços, e elas sentem o gosto solitário de metal em nossos beijos desesperados e aspiram petrificadas, em nossos cabelos, a fragrância de sangue doce como marzipã dos irmãos mortos e não compreendem nossa afeição amarga. Pois violentamos nelas toda nossa miséria, pois as assassinamos toda noite até que uma nos salve. Uma. Salve. Mas nenhuma nos conhece.

E agora estamos a caminho entre as vilas. Um chiado de uma bomba de sucção já é um retalho da pátria. E um cão de guarda rouco. E uma moça que diz bom dia. E o cheiro de suco de framboesa vindo de uma casa. (Nosso comandante de companhia de repente encheu o cara de suco de framboesa. Ele vazava da boca. E se maravilhou tanto com isso que seus olhos se tornaram como olhos de peixe: imensuravelmente pasmos e tolos. Nosso comandante de companhia se maravilhou muito com a morte. Ele realmente não conseguia entendê-la.) Mas o perfume do suco de framboesa nas vilas, isso já é para nós um retalho de casa. E a moça com os braços vermelhos. E o cão rouco. Um retalho, um retalho precioso, insubstituível.

E agora estamos nas cidades. Horríveis, vorazes, perdidos. E, para nós, há janelas raramente, estranhamente, raramente. Mas elas existem, à noite no escuro, com mulheres quentes de dormir, um retalho extraordinário e paradisíaco para nós, oh!, tão raramente. E estamos a caminho de uma nova cidade não construída na qual todas as janelas nos

pertencem, e todas as mulheres, e tudo e tudo e tudo: nós estamos a caminho de nossa cidade, da nova cidade, e nossos corações gritam à noite como locomotivas por voracidade e por saudade – como locomotivas. E todas as locomotivas viajam para a nova cidade. E a nova cidade, essa é a cidade na qual os homens sábios, os professores e os representantes não mentem, na qual os poetas não se deixam seduzir por nada a não ser a razão de seus corações, essa é a cidade na qual as mães não morrem e as moças não têm sífilis, a cidade na qual não há oficinas para próteses e cadeiras de roda, essa é a cidade na qual a chuva é chamada de chuva e o sol de sol, a cidade na qual não há tavernas nas quais crianças com rostos pálidos são devoradas por ratos à noite, e na qual não há sótãos nos quais os pais se enforcam porque as mulheres não podem colocar pão à mesa, essa é a cidade na qual os jovencinhos não são cegos e não têm só um braço e na qual não há generais, essa é a nova e maravilhosa cidade na qual todos se ouvem e se veem e na qual todos entendem: *mon cœur, the night, your heart, the day, o dia, a noite, o coração.*

E, para a nova cidade, para a cidade de todas as cidades, seguimos a caminho cheios de fome através das noites solitárias cuco-de-maio, e quando despertarmos de manhã e sabermos, e saberemos de modo terrível, que nunca existirá a nova cidade, oh!, que realmente não existirá a nova cidade, então ficaremos dez mil anos mais velhos e nossa manhã se tornará fria e será amarga, solitária, oh!, solitária, e somente as saudosas locomotivas, elas restarão, elas continuarão a soluçar seu grito de saudade de longe em nosso sono cheio de tormentos, vorazes, cruéis, grandes e excitadas. À noite elas continuam a gritar de dor em seus trilhos solitários e frios. Mas nunca mais irão para a Rússia, não, nunca mais irão para a Rússia pois nenhuma locomotiva irá de novo para a Rússia nenhuma locomotiva irá de novo para a Rússia nenhuma locomotiva irá de novo para a Rússia pois nenhuma locomotiva irá de novo para para pois nenhuma pois nenhuma locomo nenhuma locomo nenhuma locomo nenh – –

No porto, a partir do porto, um navio matinal já faz uu. Uma lancha já berra excitada. E um carro. Ao lado, um homem canta ao lavar: venha, vamos fazer uma pequena viagem. Em outro cômodo uma criança já faz perguntas. Por que o barco a vapor faz uu, por que a lancha berra, por que o carro, por que o homem canta ao lado, e pelo que pergunta a criança?

O homem, que ontem à noite chegou com o pão, que com a jaqueta cor de garrafa de cerveja, a tingida de verde, que à noite fez um punho e tinha um rosto úmido, o homem abre os olhos. A mulher desvia os olhos de sua boca. E a boca é tão pobre e tão pequena e está tão cheia de coragem amarga. Eles se olham, um animal ao outro, um Deus ao outro, um mundo ao outro mundo. (E para isso não há vocábulos.) Grandes, bons, estranhos, infinitos e quentes e pasmos eles se olham, desde sempre parentes e hostis e perdidos inexplicavelmente um para o outro.

O desfecho é então como todos os desfechos na vida: banal, tácito, opressivo. A porta está ali. Ele já está do lado de fora e ainda não arrisca o primeiro passo. (Pois o primeiro passo significa: novamente perdido.) Ela ainda está no lado de dentro e ainda não consegue bater a porta. (Pois cada porta batida significa: novamente perdida.) Mas, de repente, ele está mais alguns passos distante. E é bom que ele não tenha dito mais nada.

Pois o quê, o que ela deveria ter respondido? E então, ele está em meio à névoa da manhã (que se levanta do porto e cheira a peixe e marujo), já desaparecera em meio à névoa da manhã. E é muito bom que ele não tenha se virado mais. Isso é bom. Pois o que ela deveria ter feito? Acenar? Por acaso acenar?

## **ESTE É NOSSO MANIFESTO**

Tirem o capacete tirem o capacete: – nós perdemos!

As companhias dispersaram. As companhias, batalhões, exércitos. Os grandes exércitos. Somente os senhores dos mortos, eles ainda estão de pé. Em pé como imensas florestas: escuras, lilases, cheias de vozes. Os canhões, porém, jazem como protozoários congelados com restos mortais rígidos. Lilases de aço e de raiva em choque. E os capacetes, eles enferrujam. Tirem os capacetes enferrujados: nós perdemos.

Em nossos utensílios crianças magras buscam agora leite. Leite magro. As crianças estão lilases de gelo. E o leite é lilás por pobreza.

Nunca mais vamos nos alinhar com um assobio e dizer sim senhor com um urro. Os canhões e os sargentos não mais rugem. Vamos chorar, cagar e cantar quando quisermos. Mas a canção dos tanques estrondeantes e a canção da edelvais nunca mais vamos cantar. Pois os tanques e os sargentos não mais estrondeiam e a edelvais, ela está podre sob o cantar monótono e sangrento. E nenhum general vai mais nos tratar informalmente antes da batalha. Antes da assustadora batalha.

Nunca mais teremos areia nos dentes por medo. (Nenhuma areia das estepes, nem ucraniana e nem de Cirenaica e nem da Normandia – e nem a areia amarga e sórdida da nossa terra natal!) E nunca mais o sentimento férvido e louco no cérebro e nos intestinos antes da batalha.

Nunca mais seremos tão felizes pois um outro está ao nosso lado. É quente e está lá e respira e arrota e cantarola – à noite, antes do avanço. Nunca mais ficaremos mais ciganeamente felizes por um pão e cinco gramas de tabaco e dois braços cheios de feno. Pois nunca mais marcharemos juntos, pois cada um marchará de agora em diante sozinho. Isso é bom. Isso é difícil. Nunca mais ter junto a si o Outro obstinado e rosnando – à noite, à noite ao avanço das tropas. Que escuta tudo. Que nunca fala nada. Que digere tudo.

E quando à noite alguém precisar chorar, ele poderá chorar novamente. Então não mais precisará cantar – de medo.

Agora nosso canto é o jazz. O jazz agitado e frenético é nossa música. E a canção férvida louca-desvairada, pela qual a bateria instiga, traiçoeira, riscando. E às vezes, mais uma vez, o grito dos soldados com o qual se berra a miséria e se recusa as mães. Coro de homens assustador de lábios barbados, cantados no crepúsculo solitário dos bunkers e dos vagões de carga, tremendo alto com bocas de gaitas:

Cantos de homens viris – ninguém ouviu as crianças que berravam de si o medo dos buracos lilases dos canhões?

Cantos de homens heroicos – ninguém ouviu o soluçar dos corações, quando cantavam juppheidi<sup>4</sup>, os imundos, rabugentos, barbados, ferventes?

Cantos de homens, berros de soldados, sentimentais e excitados, viris e guturais, também berrados virilmente pelos jovens: ninguém ouve o grito pelas mães? O último grito do homem de aventuras? O grito assustador: juppheidi? Nosso juppheidi e nossa música são uma dança sobre a garganta que nos boceja. E essa música é o jazz. Pois nosso coração e nosso cérebro têm o mesmo ritmo quente-frio: o agitado, desvairado e frenético, o desenfreado.

E nossas moças, elas têm o mesmo pulso fegoso nas mãos e nos quadris. E a risada delas é rouca e quebradiça e dura como clarinetes. E o cabelo delas, ele crepita como fósforo. Ele queima. E o coração delas, ele anda em síncope, selvagememente melancólico. Sentimental. Assim são nossas moças: como jazz. E assim são as noites, as noites moças-clangorosas: como jazz: quentes e agitadas. Excitadas.

Quem escreverá uma nova doutrina de harmonia para nós? Não precisamos mais de cravo bem-temperado. Nós mesmo somos dissonantes demais.

Quem vai dar um grito lilás para nós? Uma salvação lilás? Não precisamos mais de natureza morta. Nossa vida é viva.

Não precisamos de poetas com boa gramática. Falta-nos paciência para boa gramática. Que digam árvore a árvore e mulher a mulher e digam sim e digam não: alto e claro e por três vezes e sem subjuntivo.

Para ponto e vírgula não temos tempo e harmonias nos fazem moles e a natureza morta nos subjuga: pois nosso céu é lilás de noite. E o lilás não tem tempo para gramática, o lilás é estridente e incessante e louco. Sobre as chaminés, sobre os telhados: o mundo: lilás. Sobre nossos corpos tombados, o vazio sombreado: as órbitas oculares dos mortos cobertas de azul com neve na tempestade de gelo, as goelas violetas de raiva dos canhões frios – e a pele lilás de nossas moças no pescoço e um pouco abaixo do peito. Lilás é o gemido dos que passam fome e o gaguejar dos que beijam à noite. E a cidade está tão lilás na corrente lilás noturna.

E a noite está cheia de morte: nossa noite. Pois nosso sono está cheio de batalha. Nossa noite está cheia de barulho de briga no sonho fatal. E elas ficam conosco à noite, as moças lilases, elas sabem disso e de manhã ainda estão pálidas da miséria de nossas noites. E nossa manhã está cheia de solidão. E então nossa solidão fica de manhã como vidro. Quebradiça e gelada. E muito límpida. É a solidão do homem. Pois perdemos nossas mães pelos canhões raivosos. Somente nossos gatos e vacas e os piolhos e as minhocas, eles suportam a grande solidão gélida. Talvez não fiquem tão lado a lado como nós. Talvez estejam mais com o mundo. Com esse mundo desmedido. No qual nosso coração quase morre congelado.

---

<sup>4</sup> Referência a um canto de marcha sem tradução ao português e mantido em alemão, fazendo referência a um conto anterior, pela sonoridade e pelas rimas internas.

Do que corre nosso coração? Da fuga. Pois só ontem escapamos da batalha e das goelas em uma fuga ímpia. Da fuga terrível de um buraco de granada ao outro – o oco maternal – disso ainda corre nosso coração – e ainda mais do medo.

Escute dentro do alvoroço de seus abismos. Se assusta? Está ouvindo o coral caótico de melodias de Mozart e das cantatas de Herms Niel<sup>5</sup>? Ainda escuta Hölderlin? Reconhece-o ainda, embebedado de sangue, fantasiado e de braços dados com Baldur von Schirach<sup>6</sup>? Está ouvindo a Canção Landser<sup>7</sup>? Está ouvindo o jazz e os cantos luteranos?

Então procure ficar em cima de seus abismos lilases. Pois a manhã que nasce por trás dos aterros gramados e tetos de piche vem de você mesmo. E por trás de tudo? Por trás de tudo, tudo o que você chama de Deus, correnteza e estrela, noite, espelho ou cosmos e Hilde e Evelyn – por trás de tudo está sempre você. Gelidamente solitário. Lastimável. Grande. Sua gargalhada. Sua miséria. Sua pergunta. Sua resposta. Por trás de tudo, uniformizado, nu ou então fantasiado, sumindo cambaleante feito sombra, em uma dimensão estranha, quase tímida, jamais sonhada, grandiosa: você mesmo. Seu amor. Seu medo. Sua esperança.

E quando nosso coração, esse músculo lastimável e maravilhoso, não mais se aguentar – e quando nosso coração quiser se tornar mole demais para nós em meio às sentimentalidades às quais estamos rendidos, então nos tornaremos ruidosamente ordinários. Velha porcalhona, diremos então para aquela que amamos mais. E quando Jesus ou o Gentil<sup>8</sup>, que sempre corre atrás de alguém em sonho, disser à noite: ei, você, seja bom! – então cometeremos uma falta de respeito atrevida ao nosso credo e perguntaremos: bom, senhor Jesus, por quê? Dormimos com os Ivans mortos diante da trincheira igualmente bem. E, em sonho, abrimos nós todos buracos com nossas metralhadoras: nos Ivans. Na terra. Em Jesus.

Não, nosso dicionário, ele não é belo. Mas é grosso. E fede. Amargo como pólvora. Azedo como areia das estepes. Cortante como merda. E barulhento como briga.

E nos gabamos grosseiros sobre nosso coração-Rilke alemão e sensível. Sobre Rilke, o irmão estrangeiro perdido, que expressa nosso coração e que nos seduz às lágrimas inesperadamente: mas não queremos adjuar nenhum oceano de lágrimas – precisamos todos morrer afogados. Queremos ser vulgares e proletários, construir tabaco e tomate e ter um medo barulhento até deitar na cama lilás – até entrarmos nas moças lilases. Pois amamos a tarefa estrondosa e estrepitosa, não rilkeana, que nos salva por sobre os sonhos de batalha e sobre as goelas lilases das noites, dos campos chafurdados de sangue, das moças saudosas e sangrentas. Pois a guerra não nos endureceu, não cria

---

<sup>5</sup> Herms Niel (1888-1954) foi autor de dezenas de canções militares durante o período nazista.

<sup>6</sup> Baldur von Schirach (1907-1974) foi o líder da juventude hitlerista. Era reconhecido como um conhecedor e promotor da poesia de Hölderlin (1770-1843), exaltado pelos nazistas como um dos principais poetas alemães.

<sup>7</sup> Canção militar.

<sup>8</sup> O termo, substantivado, pode se referir a uma característica de Jesus. Também foi epíteto de alguns governantes medievais como Friedrich II de Sachsen (século XV). Filosófica e biblicamente, é a qualidade que se opõe à violência.

nisso, e não nos embruteceu e não nos suavizou. Pois carregamos sobre nossos ombros magros muitos mortos encerados e pesados como o mundo. E nossas lágrimas, elas nunca ficaram tão soltas quanto depois dessas batalhas. E por isso nós amamos o carrossel barulhento, estrondoso, lilás, as músicas de jazz que soam como órgãos em nossas goelas, ameaçando, como palhaços, lilases, coloridas e idiotas – talvez. E nosso coração-Rilke – antes que o palhaço cante – nós o negamos por três vezes. E nossas mães choram amargamente. Mas elas, elas não viram a cara. As mães não!

E queremos prometer às mães:

Mães, os mortos não estão mortos por isto: pelo memorial de mármore dos mortos que o melhor pedreiro residente no local constrói na praça central – cercado de grama verde viva, com bancos para viúvas e pessoas com próteses. Não, não para isso. Não, para isto os mortos não estão mortos: para que os sobreviventes vivam em seus aposentos bons e sempre novos e os mesmos aposentos bons com fotos de recrutas e retratos de Hindenburg. Não, para isso não. E para isto, não, para isto os mortos não deixaram correr seu sangue na neve, seu sangue materno na neve úmida: para que os mesmos acadêmicos fanhem às suas crianças, acadêmicos que prepararam os pais tão corajosamente para a guerra. (Entre Langemark<sup>9</sup> e Stalingrado havia apenas uma aula de matemática). Não, mães, não foi para isso que eles morreram em cada guerra dez mil vezes!

Mas isto admitimos: nossa moral não tem mais nada a ver com camas, peitos, pastores ou anáguas – nada mais podemos fazer senão sermos bons. Mas quem vai medir isso – o “bom”? Nossa moral é a verdade. E a verdade é nova e dura como a morte. Mas também tão amena, tão surpreendente e tão justa. Ambas estão nuas.

Diga a verdade ao seu companheiro, roube-lhe na fome, mas depois conte a ele. E nunca conte aos seus filhos sobre a guerra santa: diga a verdade, diga-a tão vermelha quanto ela é: cheia de sangue e clarões de disparo e gritos. Engane a moça de noite, mas, de manhã, de manhã diga a verdade: diga que você vai embora e para sempre. Seja bom como a morte. Nitschewo<sup>10</sup>. Arruinado. Para sempre. Parti, perdu e never more<sup>11</sup>.

Pois nós somos os Negadores. Mas não dizemos não por desespero. Nosso Não é protesto. E não temos paz ao beijar, nós os Niilistas. Pois precisamos construir dentro do Não um Sim. Precisamos construir casas no livre ar de nosso Não, sobre as goelas, as crateras de bomba e trincheiras e as bocas abertas dos mortos: construir casas no ar puro varrido dos Niilistas, casas de madeira e cérebro e de pedra e pensamentos.

Pois amamos esse deserto gigante que se chama Alemanha. Essa Alemanha nós amamos. E agora acima de tudo. E pela Alemanha não queremos morrer. Pela Alemanha queremos viver. Sobre os abismos lilases. Essa vida, brava, grave, brutal.

---

<sup>9</sup> Localidade na Bélgica, importante cenário de guerra na Primeira Guerra Mundial. Foi ali que se utilizou pela primeira vez gás como arma.

<sup>10</sup> “Não importa”, em russo no original.

<sup>11</sup> “Desaparecido, perdido”, em francês no original.

Responsabilizamo-nos por esse deserto. Pela Alemanha. Queremos amar essa Alemanha como os cristãos amam seu Cristo: por nosso sofrimento.

Queremos amar essas mães que precisaram encher bombas – para seus filhos. Precisamos amá-las por esse sofrimento.

E as noivas que levam agora seus heróis para passear em cadeiras de roda, sem uniformes cintilantes – por seu sofrimento.

E os heróis, os heróis-Hölderlin, para quem nenhum dia foi claro o bastante nem nenhuma batalha foi ruim o bastante – queremos amá-los por seu orgulho ferido, por sua existência noturna de vigilantes tingida e escondida.

E a moça que uma companhia usufruiu no parque noturno e que ainda diz merda e que precisa peregrinar de hospital em hospital – pelo sofrimento dela. E pelo soldado que agora nunca mais vai aprender a sorrir –

e aquele que ainda conta a seu tio sobre os trinta e um mortos à noite diante da sua, diante da metranca do vovô –

todos aqueles que têm medo e miséria e humildade: queremos amá-los em toda a sua mesquinhez. Queremos amá-los como os cristãos amam seu Cristo: por seu sofrimento. Pois eles são a Alemanha. E essa Alemanha somos nós mesmos. E essa Alemanha precisamos novamente construir no Nada, sobre os abismos: por nossa miséria, com nosso amor. Pois amamos mesmo essa Alemanha. Como amamos as cidades em seus escombros – assim queremos amar o coração nas cinzas de seu sofrimento. Em seu orgulho incinerado, em sua fantasia carbonizada de herói, em sua crença tostada, em sua confiança destrocada, em seu amor arruinado. Antes de tudo, precisamos amar as mães, tenham elas dezoito ou sessenta e oito anos – pois as mães deverão nos dar a força para essa Alemanha em escombros.

Nosso manifesto é o amor. Queremos amar as pedras nas cidades, nossas pedras que o sol ainda aquece, aquecerá novamente depois da batalha –

E queremos amar de novo o grande vento uuu, nosso vento que ainda canta nas florestas. E que celebra em canções as vigas desabadas –

E as janelas amarelo-quentes com as poesias de Rilke por detrás delas – E os porões excitados com as crianças lilás-esfomeadas lá dentro – e as cabanas de papelão e madeira nas quais as pessoas ainda comem, nossas pessoas, e ainda dormem. E às vezes ainda cantam. E às vezes e às vezes ainda riem –

Pois isso é a Alemanha. E queremos amá-la, nós, com capacete enferrujado e coração perdido aqui no mundo.

Sim, sim: queremos ainda amar nesse mundo iludido-divertido, amar sempre de novo!